

Narrativa e Jornalismo Político: A construção da imagem de Fernando Haddad e Jair Bolsonaro nas eleições de 2018 por CartaCapital e Veja¹

Annelise BERTUZZI BEZERRA²

Bruno ARAÚJO³

Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT

Resumo

Este artigo analisa as representações de Fernando Haddad e Jair Bolsonaro, a partir da categoria da personagem, em narrativas produzidas pelas revistas CartaCapital e Veja sobre as eleições de 2018. O trabalho procura mostrar a vitalidade do estudo da narrativa para uma compreensão do jornalismo de revista enquanto instância produtora de sentidos sobre o universo da política, especialmente em períodos eleitorais de forte polarização. Para isso, o texto contextualiza a cena política brasileira e explora os conceitos de narrativa, personagem jornalística e figuração. Os resultados apontam para uma discrepância narrativa na forma como as personagens são configuradas em ambas as revistas, com uma normalização da presença do candidato de extrema-direita na cobertura da revista Veja.

Palavras-chave: narrativa jornalística; personagem jornalística; jornalismo de revista; figuração; Jair Bolsonaro

Introdução

Um dos momentos de maior inflexão na história política do país foram as Eleições de 2018, marcadas pela intensa polarização do pleito, a fragilidade do sistema político e a ascensão de discursos autoritários e extremistas encarnados pelo candidato vencedor, Jair Messias Bolsonaro, do Partido Social Liberal. Assim, foi possível observar um cenário atípico para a política brasileira, mas muito possível se observarmos criticamente o contexto social, econômico e político que o país se apoiou nos últimos anos. Dessa forma, a chegada ao momento eleitoral de 2018 marca a

¹ Trabalho apresentado na IJ01 – Jornalismo, da Intercom Júnior – XVII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante do 8 Período do curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação e Artes da Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT). E-mail: annelisebertuzzi12@gmail.com

³ Orientador do trabalho e professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e do curso de jornalismo da UFMT. Doutor em Comunicação. Email: brunoaraujo@ufmt.br

história brasileira e nos faz refletir sobre as fissuras ideológicas e partidárias da nação, além dos problemas da nossa democracia.

Em um cenário como o de 2018, muitas instâncias sociais influenciaram os rumos dos acontecimentos, mais ou menos diretamente. Como o jornalismo, especialmente o de revista, interpretou os eventos que pareciam apontar para um novo momento, preocupante para a qualidade da democracia, com uma possível chegada da extrema-direita ao poder? Este artigo tem como principal objetivo analisar um conjunto de reportagens das revistas de informação semanal *CartaCapital* e *Veja*, para compreender como ambos os veículos representaram os dois principais candidatos ao pleito de 2018, observando o processo de figuração de ambos como personagens jornalísticas. Por representação e figuração, entendemos o processo de seleção de traços característicos de uma persona política, que ao ser inserido nas narrativas jornalísticas passam a ocupar o lugar de personagens, um ser criado e fabricado a partir de uma série de escolhas semânticas, imagéticas e ideológicas que se estabelecem como o ponto central na construção dos mais diversos sentidos sobre a realidade.

Ao analisar como *CartaCapital* e *Veja* representaram Bolsonaro e Haddad nas eleições de 2018, temos a possibilidade de compreender como veículos de espectros ideológicos tão distintos figuraram os dois personagens. Assim, será possível verificar se as assimetrias editoriais verificadas em ambos os veículos em tempos de normalidade política (BARROS; BERNARDES, 2019; SILVIA; TEIXEIRA, 2019) se mantiveram diante de um cenário de clara anormalidade política, representada pela presença de Jair Bolsonaro no pleito. Em outras palavras, interessa verificar em que medida *Veja* e *CartaCapital* se aproximam ou se distanciam na fabricação de sentidos sobre um político que desafia todas as experiências democráticas vivenciadas desde a redemocratização, em 1985.

O artigo se divide em cinco partes: (i) contextualização do momento político atual no Brasil, com foco no cenário eleitoral de 2018; (ii) discussão sobre narrativa e a categoria *personagem*; (iii) metodologia; (iv) apresentação dos dados; e (v) conclusões.

Os dois lados de 2018: uma eleição para a história

2018 representou um importante ponto de inflexão na experiência política brasileira desde o fim da ditadura militar. É importante ressaltar, porém, que o cenário

daquele ano começou a ser desenhado bem antes. O fenômeno que eclode em 2013⁴, nas chamadas Jornadas de Junho, acabaria por reformular a tessitura política e social brasileira. O que começou como um movimento de rua aparentemente democrático viria a tornar-se um gatilho para a contestação do sistema político e da própria democracia. Os movimentos iniciais acabaram subtraídos por grupos conservadores, como o Movimento Brasil Livre⁵ e Vem pra Rua⁶ que tinham a intenção de defender uma “nova política”, mas acabaram unindo forças com as políticas tradicionais de oposição, que, de acordo com Telles (2015), não aceitaram o resultado eleitoral de 2014.

Pouco depois das eleições de 2014, nas quais Dilma Rousseff saiu vitoriosa, a crise política se intensificou, até que fossem criadas as condições para o impeachment de Rousseff, em 31 de agosto de 2016. Tratou-se de um processo que dividiu opiniões na sociedade e na comunidade jurídica nacional e internacional sobre a sua veracidade e legalidade, e para o qual os grandes jornais nacionais contribuíram com mecanismos de normalização, diante das dúvidas da imprensa internacional (GUAZINA, PRIOR, ARAÚJO, 2019).

Importante mencionar, ainda, o papel da Operação Lava Jato, que passou a ter lugar central na composição do “caldo de cultura” que desembocou em 2018. A operação, auxiliada pela forte mediatização da corrupção política, contribuiu para aumentar o clima de desconfiança no país que, de acordo com Cioccarri (2015), reformulou a opinião popular. Ademais, a condenação e posterior prisão do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) ficou conhecida mundialmente e teve seu processo contestado por diversos juristas brasileiros e estrangeiros, que ajudaram a evidenciar suspeitas de parcialidade da operação, em especial, do juiz Sérgio Moro, como mostram as reportagens reveladas por The Intercept Brasil.⁷

⁴ O ano de 2013 ficou conhecido pela série de manifestações que aconteceram no Brasil, com início em São Paulo. O movimento tinha como foco inicial protestar contra o aumento das passagens de ônibus, mas se transformaram em críticas à gestão federal do Partido dos Trabalhadores (PT).

⁵ O Movimento Brasil Livre (MBL) é um movimento político brasileiro que defende o liberalismo econômico e o republicanismo, em apoio às investigações da Operação Lava Jato e por mais liberdade de imprensa. Em 2016, combinou forças com as bancadas evangélica e ruralista do Congresso por uma agenda de Estado mínimo, reforma trabalhista, ajuste fiscal e redução da maioria penal.

⁶ O Movimento Vem pra Rua é um movimento político-social brasileiro, se declarou favorável ao impeachment de Dilma Rousseff e contrário a corrupção, a intervenção militar e ao golpe de Estado, ao separatismo e diz não compactuar com governos autoritários.

⁷ Acontecimento marcado por uma série de reportagens baseadas no vazamento de conversas do Juiz Sérgio Moro, responsável pelo julgamento da operação Lava Jato, e outros procuradores que acabaram por gerar uma série de implicações políticas que evidenciaram a não imparcialidade do então Juiz.

Assim, o resultado de 2018 acabou se tornando a somatória de um conjunto de acontecimentos no contexto de uma democracia fragilizada, que contemplam manifestações contrárias ao governo PT e o forte antipetismo mediático, crescimento de correntes ultraconservadoras, impeachment contra Dilma Rousseff, a condenação e posterior prisão de Lula, o papel da operação Lava Jato, com a politização de parte do sistema de Justiça. Tudo isso contribui para a chegada às eleições de 2018 e o sentimento de ódio ao PT foi combustível ideal para Jair Bolsonaro surgir como candidato viável.

Assim, em 2018, o país assistiu a uma eleição com duas candidaturas principais: a de Fernando Haddad, pelo Partido dos Trabalhadores, que substituiu Lula, depois do impedimento de sua candidatura pela Justiça Eleitoral em razão da condenação na Lava Jato, e a de Jair Bolsonaro, do Partido Social Liberal, que canalizou o enorme sentimento antipetista presente em parte da sociedade brasileira.

Jair Messias Bolsonaro teve carreira militar ativa até 1988, quando entrou na política, pela Câmara Municipal do Rio de Janeiro, como vereador. Logo após, em 1990, assumiu o posto de Deputado Federal. O parlamentar foi reeleito outras seis vezes para o mesmo cargo. Os anos na Câmara dos Deputados o fizeram conhecido por uma personalidade e discurso baseados em seus posicionamentos extremados, autoritários e controversos, por conta das diversas declarações de ódio e de suas visões políticas caracterizadas como populistas e de extrema-direita, incluindo uma simpatia pela ditadura militar brasileira e defesas das práticas de tortura por aquele regime. Nas eleições de 2018, Jair Bolsonaro se torna o grande catalisador de um mal-estar generalizado e difuso da população, utilizando das redes sociais para construir sua campanha, dando notoriedade a uma corrente de ideias e pensamentos com valores conservadores, militaristas, ultraliberais no plano econômico e extremistas. As estratégias utilizadas por ele foram fundamentais para a criação de um "inimigo comum", que, na sua visão, seriam os "bandidos vermelhos", "corruptos", "comunistas", "perversos".

Do outro lado, estava o Partido dos Trabalhadores, criado na redemocratização e alvo de uma cobertura mediática historicamente adversária. Seu representante era Fernando Haddad, político e professor de filosofia. Haddad é Bacharel em direito, mestre em economia e doutor em filosofia pela Universidade de São Paulo (USP). Em 1977, começou a lecionar no Departamento de Ciência Política da USP e sua carreira na

política teve início em 2001, quando assumiu a chefia de gabinete da Secretaria de Finanças e Desenvolvimento Econômico do município de São Paulo. Em 2005, foi chamado para compor o governo de Luís Inácio Lula da Silva como Ministro da Educação, permanecendo no cargo até 2012. Durante seu mandato como ministro, contribuiu com a criação de diversos programas de incentivo e ampliação da educação básica e superior. O discurso e a vida de Haddad mostravam o abismo ideológico entre os dois candidatos. O candidato de esquerda tinha um plano de governo que ressaltava a importância da igualdade, promovendo a diversidade e o pluralismo.

Narrativa e figuração da personagem jornalística

Assumimos o jornalismo como um produtor de sentidos cujas histórias são contadas por um sujeito que assume o papel de narrador. Segundo Motta (2005), o narrador-jornalista acaba recorrendo a uma série de artifícios linguísticos e extralinguísticos que, quando combinados, realizam uma série de intenções e objetivos. De fato, as narrativas midiáticas são verdadeiras produtoras de sentidos, expressam a cultura de um povo e deixam transparecer resquícios de toda uma vivência, são produtos culturais, pois retêm ecos da realidade onde foram construídas. (ARAÚJO, 2011, p. 6) Dessa forma, muitos ainda não consideram o jornalismo como fabricante de narrativas e de uma realidade, por entender essa leitura como sugestiva de algum processo de manipulação. Não é disso que se trata aqui. O fato é que a atividade jornalística mobiliza signos para representar o mundo, que é configurado em termos narrativos. Assumir o jornalismo como produtor de sentidos e, assim, considerar que ele é influenciado pela sociedade e pelas vivências de quem escreve, assim como a sua atividade representativa é impactada por constrangimentos organizacionais que agem mais ou menos diretamente no modo de constituição da realidade.

Dentro desse trabalho de composição narrativa do mundo, existe uma categoria com forte interesse analítico e que tem sido muito explorada por autores na análise da narrativa jornalística: trata-se da personagem. Para o narratólogo norte-americano Gerald Prince (1987), a personagem é uma combinação de traços antropomórficos engajados em uma ação antropomórfica. Assim, a personagem é um ser dotado de representação dramática, de qualidades, atitudes, comportamentos e pensamentos que, quando combinados, se assemelham, quase que fielmente, ao próprio ser humano.

O responsável pela criação nesse processo é o narrador-jornalista. No jornalismo, a personagem “é criada por vontade de um narrador em função de sua estratégia narrativa.” (MOTTA, 2013, p. 177)

Tudo é levado em consideração nesse processo, desde a maneira como a personagem se veste e se porta, os hábitos corriqueiros da vida, anseios e medos, tudo é trabalhado para que a construção seja mimética ao real, para que o leitor tenha a impressão de que aquele é um ser real, e não fabricado (PEIXINHO; ARAÚJO, 2017). O leitor, por seu turno, tende a encarar como real e próximo aquilo que vê dentro das narrativas políticas veiculadas, mas é importante destacar que são figuras, ou, na feliz expressão de Barthes, são seres de papel.

Segundo Peixinho (2014), os atores sociais que integram as narrativas jornalísticas são construções discursivas, enredadas em um processo de figuração. Por figuração, entende-se a seleção de características de dado ator social, que, inserido nas narrativas jornalísticas, passa a ocupar o lugar de personagem com evidência central na construção de sentidos. Com efeito, a personagem é um ser fabricado a partir de escolhas lexicais e, portanto ideológicas, de construção do real. Trata-se de um signo, ela própria, que retém marcas culturalmente convencionadas.

Como Jair Bolsonaro e Fernando Haddad foram, então, figurados nas narrativas de *Veja* e de *CartaCapital*? Que estratégias discursivas foram mobilizadas para representar ambas as figuras e que funções o narrador-jornalista atribuiu a essas duas personagens?

Desenho metodológico

Para a realização desta análise, de natureza qualitativa, vamos estudar as reportagens de capa de *Veja* e *CartaCapital*, no período eleitoral de 2018, considerando edições em que Jair Bolsonaro ou Fernando Haddad figuraram de maneira central na narrativa. A coleta contemplou o período de junho a dezembro de 2018, de forma a incluirmos os momentos anteriores e posteriores à campanha eleitoral. Para este texto, que integra um projeto maior, analisaremos 16 reportagens de capa, 6 de *Veja* e 10 de *CartaCapital*, conforme descrição do Quadro 1.

Quadro 1. Edições analisadas pelas reportagens de capa

Veículo	Edição	Imagem da capa
Veja	2593 - 01/08/2018	
Veja	2599 - 12/09/2018	
Veja	2600 - 19/09/2018	
Veja	2604 - 17/10/2018	
Veja	2609 - 21/11/2018	
Veja	2614 - 26/12/2018	
CartaCapital	1007 - 13/06/2018	

CartaCapital	1015 - 08/08/2018	
CartaCapital	1016 - 15/08/2018	
CartaCapital	1019 - 05/09/2018	
CartaCapital	1020 - 12/09/2018	
CartaCapital	1021 - 19/09/2018	
CartaCapital	1024 - 10/10/2018	
CartaCapital	1025 - 17/10/2018	
CartaCapital	1027 - 31/10/2018	

		
CartaCapital	1034 - 19/12/2018	

Fonte: Elaboração própria

Sobre os veículos em análise, *Veja* é uma revista da editora Abril. Fundada em 1968, tem foco principal em assuntos relacionados à política, economia e cultura. A revista mantém um alinhamento editorial claramente à direita do espectro político, com a defesa de teses liberais na economia. Já *CartaCapital* é uma publicação da Editora Confiança, dirigida pelo jornalista Mino Carta. Fundada em 1994, *CartaCapital* assume uma postura de análise crítica da sociedade, a partir de uma leitura comum ao espectro político da esquerda.

Para o escrutínio do material empírico, recorreremos ao software de análise textual *Voyant Tools*⁸, para capturar as correlações semânticas mais frequentes, no sentido de verificar os efeitos de sentido presentes na composição narrativa das duas personagens.

Análise: Fernando Haddad e Jair Bolsonaro como personagens em *Veja* e *CartaCapital*

A apresentação e discussão dos elementos empíricos serão feitas de forma sequencial: inicialmente, as reportagens de capa de *Veja*, seguidas das de *CartaCapital*.

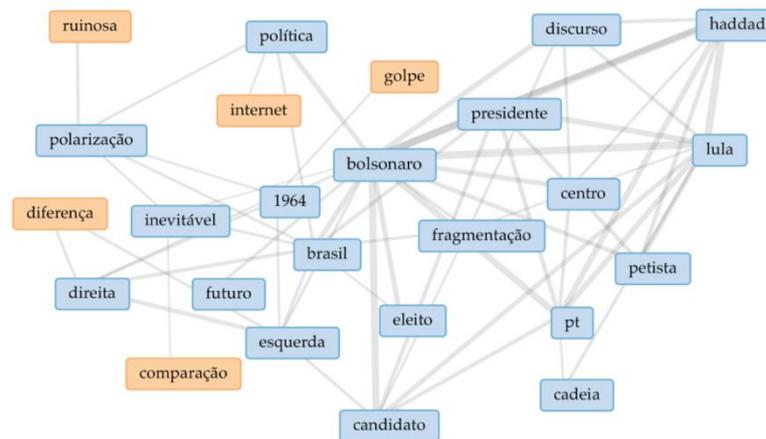
Revista *Veja*

⁸ Voyant Tools é um aplicativo baseado na Web e de código aberto para a análise de texto. Ele suporta a leitura e interpretação acadêmica de textos ou corpus, principalmente por estudiosos das ciências humanas digitais, mas também por estudantes e pelo público em geral.

Em primeiro lugar, trabalhamos os textos das reportagens procurando extrair os excertos com menções diretas a Bolsonaro e Haddad. Após esse processo, inserimos o conjunto textual no aplicativo de processamento de dados *Voyant Tools*, para observar os termos mais recorrentes. Desse processo, identificamos o seguinte: “Bolsonaro” (110 vezes), “Haddad” (40 vezes), “Lula” (40 vezes), “polarização” (16), “discurso” (14), “esquerda” (9), “direita” (8), “futuro” (6) e “internet” (7).

Em seguida, entendendo que os sentidos se configuram a partir das relações estabelecidas entre as palavras, buscamos verificar principalmente as relações entre os termos presentes na narrativa de *Veja* sobre as duas personagens, como mostra a figura 1.

Figura 1. Esquema de relações entre palavras de *Veja* na figuração de Bolsonaro e Haddad.



Fonte: elaboração própria a partir do processamento de dados *Voyant Tools*

A tonalidade azul representa as palavras que aparecem com maior frequência durante as reportagens, apresentando maiores ramificações com outras palavras e contextos, já a tonalidade alaranjada deixa em evidência as ligações secundárias, ou seja, que aparecem menos durante os textos, com apenas uma ou duas ramificações. Notamos que a palavra "Bolsonaro" se relaciona, pelo menos três vezes, com o adversário Haddad, e ainda está relacionado diretamente à palavra "internet" e ao termo "discursos", que mantém relações com a palavra "corrupção" e "radicalização", o que, no plano das reportagens, indica uma conexão entre o candidato e à ideia de radicalização.

Já o nome do ex-presidente Lula aparece ligado ao de Haddad em todo o contexto analisado, sendo figurado ao lado do presidenciável todas as vezes que apareceu. A palavra "direita" apresenta pelo menos uma ligação com o termo "radicalização" e com a palavra "esquerda". Já o termo "polarização" aparece relacionado com "democracia" pelo menos uma vez, o que indica, mais uma vez, a ideia de que a polarização é própria da democracia, por mais que isso seja controverso, considerando o contexto de 2018. Por outro lado, é possível dizer que, em termos de referências nas reportagens, as figuras de Bolsonaro e Haddad ganham visibilidade semelhante no discurso de *Veja*, embora, para que esse equilíbrio se dê, seja preciso considerar a soma das menções a Lula e a Haddad.

Com essas ligações, conseguimos perceber que *Veja* traça uma narrativa de normalização do candidato do PSL, não figurando o personagem com termos como "autoritário", "extremista" ou "bélico", por exemplo. Escolhe seguir por um viés normativo em que normaliza a presença do então candidato e o compara com Haddad e Lula, como se justificasse sua ascensão. Para além disso, coloca a polarização eleitoral daquele ano como ruínosa, mas inevitável, como uma consequência da própria democracia, justificando e normalizando a presença de Bolsonaro no pleito daquele ano.

Percebemos que a narrativa iniciada perde força ao longo do texto das reportagens e se normaliza como um evento natural da própria democracia enquanto sistema. *Veja* escolhe um caminho seguro para o veículo, não assume Bolsonaro como um candidato perigoso e autoritário, mas como um personagem esperado, ainda que incerto, que nasce da polarização construída no país “pela esquerda brasileira”.

Revista CartaCapital

Da mesma forma, processamos os textos das reportagens principais das edições de *CartaCapital* no aplicativo de análise *Voyant Tools*. Os textos das reportagens foram trabalhados para que englobassem todos os momentos em que Jair Bolsonaro e Fernando Haddad figuram de maneira textual nas narrativas. O objetivo, como já exposto na análise de *Veja*, é confirmar ou perceber diferenças entre as suas reportagens para que possamos compreender de maneira mais precisa como cada veículo escolheu figurar os candidatos. A ramificação apresentada na Figura 2 apresenta os principais termos utilizados por *CartaCapital* nessas reportagens, bem

direita”. De fato, o veículo assume a personagem Bolsonaro como o perigo que representa e expõe isso ao leitor. *CartaCapital* não entrelaça os candidatos como fez *Veja*; aqui Haddad não é comparado a Bolsonaro, ele caminha acompanhado de Lula e do lulismo.

A grande questão é que apesar de ser considerada um veículo de esquerda e, portanto, possuir uma perspectiva ideologicamente orientada, a revista coloca em pauta uma discussão importante e que, em nossa perspectiva, deveria permear a discussão inclusivamente em meios identificados com a direita liberal: a figura de Jair Bolsonaro no pleito daquele ano não poderia ser normalizada e justificada. *CartaCapital* questionou, indagou e assumiu o risco do presidenciável, expondo os fatos aos seus leitores.

Assim, não se trata de uma narrativa que se preocupou apenas em valorizar a esquerda em detrimento da direita, mas de um discurso que assumiu a dependência de Haddad com Lula, e reconheceu a ascensão perigosa do extremismo associado a Bolsonaro.

Considerações Finais

Neste artigo, procuramos analisar como o jornalismo de revista, em especial o de *CartaCapital* e *Veja*, representou as duas principais candidaturas da eleição de 2018. Partimos do pressuposto de que a figuração de Fernando Haddad e Jair Bolsonaro em *Veja* e *CartaCapital* possui uma abrangência maior, no sentido de expressar a dinâmica sociopolítica vivenciada na política brasileira, tal como ela se expressa nos *media*. Nesta direção, tendo como referência estudos teóricos sobre as narrativas jornalísticas e a produção de personagens, buscamos enquadrar o trabalho de fabricação do real pelas revistas no contexto mais amplo da produção discursiva dos acontecimentos pelo jornalismo como instância de narrativização do mundo.

O artigo buscou responder a diversas indagações acerca da produção narrativa sobre as eleições de 2018. As assimetrias vistas em tempos de normalidade política entre revistas de espectros ideológicos diferentes se mantiveram durante um pleito com um forte caráter de ineditismo frente às experiências eleitorais brasileiras das últimas três décadas?

Ao comparar as suas reportagens principais, percebemos que, apesar de algumas aproximações, no corpus analisado, existe uma diferença clara nos efeitos de sentido construídos pelas revistas. *Veja* silencia diversos aspectos evidenciados, claramente, por *CartaCapital*, o caminho defendido por *Veja* é aquele que normaliza a presença de Bolsonaro e a justifica por meio da proposta narrativa de que a polarização é inerente à política. *Veja* figura Haddad como o candidato de Lula, uma espécie de "bode expiatório" do ex-presidente. Para *Veja*, a apenas um desdobramento natural da prática democrática.

Bem diferentemente, *CartaCapital* mostra um cenário muito mais sombrio e deletério naquelas eleições no modo como realiza a figuração de Bolsonaro, apresentando-o como "autoritário", ameaça à vitalidade da democracia. O caminho trilhado é totalmente oposto e evidencia os abismos ideológicos entre eles. A narrativa de *CartaCapital* qualifica Jair Bolsonaro como autoritário, extremista, perigoso e bélico, explorando e expondo os discursos do então candidato e assumindo a sua eventual vitória como uma escolha perigosa e danosa à sociedade. *CartaCapital* coloca Haddad como candidato, e não como avatar de Lula ou "bode expiatório" do PT, mas como um presidenciável, com erros e acertos. O veículo evidenciou os discursos de ambos os candidatos, mas trouxe a ascensão de Bolsonaro como evento anormal e grave, não normalizando o seu surgimento.

Numa perspectiva comparada, a análise dos diversos textos que integram o nosso corpus não apenas confirmam que as narrativas veiculadas apresentam grandes e consideráveis assimetrias, como também colocam em discussão a maneira como o jornalismo de revista escolhe caracterizar e figurar uma personagem danosa à democracia como Jair Bolsonaro. De fato, como pudemos observar no decorrer deste estudo, a pluralidade narrativa sobre um mesmo acontecimento acaba por refletir a maneira como a profissão encara, justifica e reproduz atores sociais e políticos.

Em suma, uma das principais conclusões a que chegamos diz respeito ao papel do jornalismo de revista na representação dos atores sociais e políticos na sociedade e como os veículos têm lidado com uma conjuntura política inédita no país. Apesar de não tecer elogios ao estilo de Bolsonaro, ao deixar de enfatizar o extremismo deste, *Veja* colabora, ao menos no conjunto de edições analisadas, para uma aparente *normalização* e *justificação* da extrema-direita personalizada na figura do candidato do PSL.

Referências bibliográficas

ARAÚJO, Bruno; BEZERRA, Annelise Bertuzzi. A figuração da extrema-direita brasileira em revista: Jair Bolsonaro como personagem jornalística em capas de Veja e Carta Capital. **Revista Temática**: v. 17 n. 6 (2021)

ARAÚJO, Bruno; GUAZINA, Liziane; PRIOR, Hélder (orgs). **(Des)construindo uma queda: a mídia e o impeachment de Dilma Rousseff**. Florianópolis: Insular, 2019

ARAÚJO, Bruno; PEIXINHO, Ana Teresa. **Narrativa e media**: gêneros, figuras e contextos, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2017.

ARAÚJO, Bruno Bernardo de. **A narrativa jornalística e a construção do real**: Como as revistas Veja e IstoÉ trataram a manifestação dos estudantes da Universidade de São Paulo em 2011. Universidade de Coimbra, Portugal, 2011.

BRUNER, J. (1997a). **Atos de significação**. Porto Alegre: Artes Médicas.

CIOCCARI, D. (2015). Operação Lava Jato: escândalo, agendamento e enquadramento. **Revista Alterjor**, 12(2), 58-78.

COSTA, C. Escritores jornalistas no Brasil – 1904 / 2004. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: ECO/ UFRJ, 2012

MAZZOLENI, G; BRACCIALE, R. **La Política Pop Online**, Mulino, 2019.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise Crítica da Narrativa**. Brasília: Editora UNB, 2013.

MOTTA, Luiz G. **Análise Pragmática da Narrativa Jornalística**. Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2005.

MOTTA, Luiz G; GUAZINA, Liziane. O conflito como categoria estruturante da narrativa política: O caso do Jornal Nacional. **Brazilian Journalism Research**, v. 6, n. 1, 2010.

MOUNK, Y. **O povo contra a democracia: por que nossa liberdade corre perigo e como salvá-la**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

MUDDE, Cas; KALTWASSER, Cristóbal Rovira. **Populism: A very short introduction**. Oxford University Press, 2017.

PEIXINHO, Ana Teresa. Procedimentos retórico-narrativos: O caso do jornal Expresso durante o verão de 2013, **Revista de Estudos Literários**: v. 4 (2014): Personagem e Figuração.

PRINCE, Gerald (1987): Dictionary of narratology, University of Nebraska Press

REUTER, Yves. **A análise da narrativa: o texto, a ficção e a narração**. 2ª Ed. tradução de Mario Pontes. Rio de Janeiro: DIFEL, 2007.

SCHUDSON, Michael. A política de forma narrativa: a emergência das convenções noticiosas na imprensa e na televisão. In: TRAQUINA, Nelson, org. **Jornalismo: Questões, teorias e histórias**. Insular J, 1994.

TELLES, Helcimara. **CE / Crise**. GVEXECUTIVO, v. 14, n. 2, (2015).